

METÁFORA E CULTURA: ASPECTOS DE TRADUÇÃO

Sila Marisa de Oliveira (UFSC)

RESUMO: Este artigo tem por base os estudos da metáfora sob a ótica da teoria de Lakoff e Johnson, que defendem a intrínseca relação desta com a cultura onde o indivíduo está inserido. Sendo assim, apresentam-se dois exemplos de metáfora, um extraído da esfera propagandística e outro da esfera política, conduzindo a discussão para a tradução dos mesmos.

Faz-se uma reflexão acerca das noções de literalidade e metaforicidade e, por fim, utilizam-se as sugestões para tradução de metáforas de van den Broeck (1981), procurando aplicá-las à tradução do termo *valerioduto* ao espanhol.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, tradução de metáfora, literalidade, chá de cadeira, valerioduto.

RESUMEN: Este artículo está basado en los estudios de la metáfora bajo la visión teórica de Lakoff y Jonson. Los autores defienden la íntima relación de la metáfora con la cultura donde uno vive. Así siendo, se presenta dos ejemplos de metáfora, uno extraído del medio propagandístico y el otro del medio político, se conduce la discusión hacia la traducción de tales ejemplos.

Se reflexiona sobre las nociones de literalidad y metaforicidad y, finalmente, se usan las sugerencias para traducir metáforas de van den Broeck (1981), intentando aplicárselas a la traducción del término *valerioduto* al español.

PALABRAS-CLAVE: cultura, traducción de metáfora, literalidad, *chá de cadeira*, *valerioduto*.

1. Introdução

A atividade tradutória não lida apenas com elementos lingüísticos, mas é condicionada por fatores extralingüísticos os quais interferem nas escolhas do tradutor e no produto de seu trabalho. Tais fatores estão relacionados às culturas do par lingüístico envolvido na tradução e, em razão disso, este artigo visa discutir a influência de aspectos culturais implicados na tradução de metáforas, especificamente.

Assim, de acordo com o mapa de Holmes, o presente estudo insere-se no que o autor chama de *problem oriented*. No entanto, o vocábulo *problem* aqui não tem qualquer conotação negativa, mas é entendido como uma barreira cultural a ser transposta, algo que precisa ser solucionado.

Cabe destacar que a metáfora não é mais vista unicamente como um recurso embelezador de textos poéticos e, desse modo, a visão teórica norteadora do presente estudo é a que vê a metáfora sob a abordagem cognitiva, a qual determina nosso modo de falar, ver e agir (LAKOFF; JOHNSON, 2002), apreendido com base nas experiências do indivíduo e que, naturalmente, variam entre as culturas. Assim, na seção 2, faz-se um breve apanhado dessa perspectiva cognitiva.

Na seção 3, discutem-se as noções de metaforicidade e literalidade a partir da frase *nada como um bom chá de cadeira*, extraída de um anúncio publicitário de chá, veiculado em uma revista feminina. Encerra-se esta parte chamando a atenção para como seria a tradução de *chá de cadeira* ao espanhol falado na Argentina.

A seguir, na seção 4, analisam-se quais seriam as possíveis traduções do termo *valerioduto* ao espanhol. Para tanto, tem-se como embasamento teórico para a tradução de metáforas, as sugestões de Raymond van den Broeck (1981). O autor apresenta três caminhos: tradução *sensu stricto*, ou seja, transferir tópico e veículo da língua-fonte para a língua-alvo; substituição por uma metáfora correspondente ou parafrasear, isto é, interpretar a metáfora da língua-fonte e substituí-la por uma expressão não metafórica na língua-alvo.

2. Metáfora e variação cultural.

Classificada como uma figura de linguagem pela visão aristotélica, a metáfora era considerada o transporte do nome de uma coisa para outra (GIBBS, 1994 apud MALTA, 2000; ARISTÓTELES, 1457 apud RICOUER, 1975), como uma espécie de comparação baseada em características similares entre as duas coisas. Esta transposição, no entanto, geraria estranheza, um desvio de linguagem, que não poderia estar presente em textos que primassem pela objetividade. Seu emprego era aceito apenas em textos poéticos, funcionando como um ornamento lingüístico e sem nenhum valor cognitivo (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Lakoff e Johnson, por sua vez, questionam essa crença e, através de um estudo sistemático, demonstram que a metáfora não se restringe à linguagem literária e que, pelo contrário, ela está presente em nosso discurso diário. Eles afirmam que “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.45).

Um exemplo citado por eles é o da metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA¹ dentro do qual aparecem expressões metafóricas como: “suas críticas foram *direto ao alvo*”, “seus argumentos são *indefensáveis*” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.46, grifos dos autores). Com isso, eles demonstram que quando estamos em uma discussão não só usamos vocabulário bélico (*alvo, defesa*), mas nos comportamos como se estivéssemos em uma guerra, onde podemos ganhar ou perder e vemos nosso interlocutor como adversário.

A metáfora é, então, “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.47-48), havendo para tanto um “mapeamento seletivo de propriedades de um domínio conceitual fonte [guerra] em um domínio conceitual alvo [discussão]” (SOUZA, 2004, p.51). Tais domínios conceituais, segundo os autores, estão totalmente vinculados à cultura do indivíduo, porque são adquiridos através da constante interação deste com ambientes físicos e culturais.

Dessa forma, pode-se dizer que metáforas que fazem parte do modo de conceituação de mundo de determinado grupo podem não existir em outro, ou até mesmo serem compreendidas diferentemente. Mas o próprio fato de o livro de Lakoff e Johnson, *Metaphors we live by* de 1980, ter sido traduzido ao espanhol em 1986 e mais recentemente ao português em 2002, possa ser um indício de que há aspectos em comum entre as metáforas conceituais usadas pelos falantes destes três idiomas. Na nota à edição espanhola há um esclarecimento aos leitores chamando a atenção para tal fato e acrescenta-se que, por outro lado “hay ejemplos que suenan forzados en español” (LAKOFF; JOHNSON, 1986 p.27).

3. Literalidade e tradução de metáforas.

Dentro dos estudos do processamento metafórico, há duas correntes: uma diz ser necessário o estabelecimento da incoerência literal para que depois se estabeleça o sentido metafórico; enquanto a vertente cognitivista defende que a mente humana está equipada para processar a metáfora de forma direta, sem rodeio ao sentido literal, embora acreditem que o processamento possa acontecer em estágios, pois depende da natureza da metáfora em questão (CARVALHO; SOUZA, 2005).

Caso o sentido metafórico fosse estabelecido somente após o juízo de incoerência literal, uma frase como “*Nada como um bom chá de cadeira*”, deveria ser entendida então como o ato de colocar uma cadeira dentro de uma panela com água e levá-la ao fogo para ferver. Mas nossa vivência cultural não nos faz acessar esse sentido. A expressão “*chá de cadeira*”² é entendida por nós metaforicamente como o ato de ficar durante longo tempo sentado, especialmente quando se espera por algo, como o atendimento em um consultório médico, por exemplo.

A frase citada encontra-se no seguinte anúncio publicitário:

¹ Os autores apresentam as metáforas conceituais sempre em letras maiúsculas.

² Acredita-se que a expressão “chá de cadeira” tenha surgido nos salões de baile, quando as moças esperavam que os rapazes as convidassem para dançar e, quando não eram convidadas, dizia-se (e em algumas regiões do Brasil ainda se diz) que haviam tomado um “chá de cadeira”.

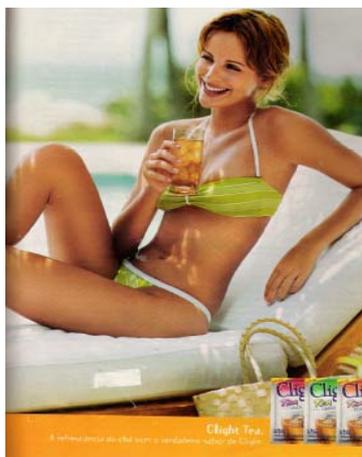


Figura 1. Extraída da Revista Nova. Ano 30 nº. 02, fevereiro de 2002. Editora Abril

Nesse caso, a expressão adquiriu outro sentido, diferente do mais corriqueiro, (metafórico) e diferente do literal, que seria totalmente incoerente. Fatos como esse comprovam que o estabelecimento semântico está intimamente ligado ao contexto (cultural) no qual determinada palavra ou expressão é empregada, pois já que ninguém gosta de “*tomar chá de cadeira*” (no sentido metafórico, obviamente) a frase soaria incoerente se não viesse acompanhada de uma imagem que a tornasse coerente.

Explorando o recurso imagístico pode-se estabelecer a relação entre *chá*, produto a ser vendido e a cadeira na qual a moça aparece sentada. Assim, *nada como um bom chá de cadeira* refere-se ao ato de tomar um bom chá sentado confortavelmente em uma cadeira.

Percebe-se então que, para falantes de português brasileiro, tanto o sentido de *chá de cadeira* em sua acepção mais usual, quanto no obtido pela propaganda não trazem qualquer dificuldade de entendimento. No entanto, expressões metafóricas como esta, podem constituir um grande desafio para o tradutor, especialmente para aquele que não conhece a cultura onde a mesma é usada. Venutti (1995) salienta essa questão quando diz que *o texto estrangeiro e a tradução são constituídos de materiais lingüísticos e culturais diferentes*. (grifos meus).

Uma tradução literal de *chá de cadeira* para outro idioma, provavelmente não seria possível, a menos que na cultura de chegada o fato de permanecer por longo tempo sentado esperando por algo, fosse concebido da mesma forma. Em espanhol a tradução literal seria *té de silla*, que segundo pesquisas da autora, não fazem o menor sentido para falantes dessa língua. No contexto da Argentina, por exemplo, usa-se *estar planchando*³, uma referência ao fato de as moças ficarem sentadas nos bailes esperando que os rapazes as convidassem para dançar. Porém, a frequência de uso talvez não seja alta⁴, visto que é uma expressão bastante antiga e mesmo podendo ser considerada equivalente, pode não fazer sentido atualmente.

Percebe-se, portanto, que a visão tradicional da metáfora de que ela seria uma expressão lingüística substituível por outra com sentido literal (SCHÄFFNER, 2004) já não é válida para a visão cognitiva.

4. Possibilidades de tradução.

Os estudos da metáfora, bem como os de aspectos relativos à sua tradução vêm sendo pesquisados em vários contextos lingüísticos e entre esses está o da política. Dentro dessa esfera, o termo discutido aqui é *valerioduto*, surgido há pouco mais de dois anos no contexto brasileiro.

Com o intuito de levar o leitor àquele momento histórico-político, faz-se, a seguir, uma breve explanação dos fatos, já que se considera que estes têm forte influência para a compreensão do vocábulo.

Por volta de junho de 2004, a mídia brasileira mostrou cenas de corrupção onde Maurício Marinho, diretor dos Correios, aparecia recebendo 3 mil reais de um empresário para que beneficiasse comparsas em licitações feitas pelos Correios. O diretor, no entanto, era ligado ao deputado Roberto Jefferson, líder do PTB, que por sua vez revelou o publicitário Marcos Valério como o intermediador de milhões de reais que chegavam às mãos de Delúbio Soares, tesoureiro do PT.

³ *Planchar*, significa *passar roupa* em português.

⁴ Encontradas 426 ocorrências no Google.

Em meio a esse período, surge um neologismo metafórico: *valerioduto*, que passa a ser usado por grande parte dos brasileiros, sem que para a compreensão do mesmo sejam necessárias explicações lingüísticas. Esse fato corrobora a afirmativa de Lakoff e Johnson, de que a metáfora “nos permite compreender um aspecto de um conceito em termos de outro” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 p.53).

Ullman (1973 apud RAMANZINI, 1990, p.67) explica que “a estrutura da metáfora pressupõe dois termos presentes: a coisa de que se fala e aquilo com que se faz a comparação. O primeiro é o *teor*, o segundo, o *veículo*”. (grifos do autor). Nesse caso, temos de modo aglutinado e em uma só palavra:

teor	veículo
↓	↓
Valério	Duto ⁵

Alguns traços do veículo são salientados como: o canal condutor para a passagem de combustível (ou outro gerador de energia), enquanto outros são desprezados, como o material de que é feito, o diâmetro, etc. Ou seja, há um “mapeamento seletivo de propriedades de um domínio conceitual fonte em um domínio conceitual alvo” (SOUZA, 2004, p.51). Ambos os domínios, por sua vez, são sobrepostos e geram um novo esquema conceitual que, nesse caso, é expresso pela metáfora *valerioduto*.

A figura a seguir ilustra a relação entre ambos:

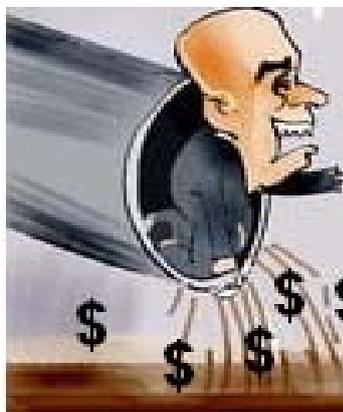


Figura 2. Extraída do site www.google.com.br, com acesso em 04/06/2006 e adaptada pela autora.

Metáforas como essa, são de caráter efêmero e provavelmente logo não farão sentido nem mesmo para falantes de português brasileiro, se estes não se reportarem ao momento histórico-político no qual ela se originou. Em vista disso, insiste-se na necessidade de o tradutor de metáforas conhecer os contextos lingüístico e cultural do par de línguas envolvido em sua tarefa tradutória.

Considerando que esta necessidade esteja suprida, a visão teórica que embasa a presente discussão é a de Raymond van den Broeck (1981 apud SCHÄFFNER, 2004), que após ter realizado alguns estudos descritivos, apresenta três possíveis soluções para a tradução de metáforas. São elas:

1. Transferir tópico e veículo da língua fonte para a língua alvo;
2. Substituir por uma metáfora correspondente;
3. Parafrasear, ou seja, interpretar a metáfora da língua fonte e substituí-la por uma expressão não metafórica na língua alvo.

⁵ Duto: s.m. (do lat. ductus, canal) - canal do corpo por onde são conduzidas substâncias orgânicas: dutos biliares. *Constr.* duto de fumaça, canal que serve para assegurar a tiragem das chaminés e direcionar para fora os gases da combustão. // duto de ventilação, canal projetado exclusivamente para a passagem de ar fresco ou do ar viciado de um ambiente, a fim de realizar sua ventilação. (grifos meus, Grande Enciclopédia Larousse Cultural). Como se vê em todas as acepções a palavra canal é recorrente.

Ressalta-se que tais soluções não pretendem ser vistas como regras a serem seguidas, pois cada metáfora tem suas peculiaridades. No caso de *valerioduto*, sugerem-se as seguintes traduções ao espanhol:

- a. *valerioducto* ou
- b. el vocablo designa a Marcos Valério, acusado de ser el intermediario del dinero que llegaba a las manos de Delúbio Soares, tesorero del PT. Este último, acusado de pagarles a los diputados para que votaran a favor de las medidas propuestas por el gobierno.⁶

Observando as propostas acima, constata-se que a tradução “a” é correspondente à sugestão 1 de van den Broeck (1981) e que a mesma é compreensiva na língua espanhola porque neste idioma há a palavra *ducto*, à qual pode ser aglutinada a palavra Valério. E talvez seja compreensiva também, pelo fato de ser um termo atual. Em pesquisa feita no site google, encontraram-se 157 ocorrências do termo escrito dessa forma, algumas vezes colocado entre aspas e outras vezes mantido em português e também entre aspas.

Já a tradução “b” é relativa à sugestão 3 do autor. Nesta apresenta-se uma explicação da metáfora, de onde ela originou-se e o que designa, tornando-a, assim, inteligível mesmo em um momento no qual o termo esteja em desuso. É importante chamar a atenção para o fato de que, entre as 157 ocorrências encontradas para *valerioducto*, muitas delas traziam uma definição semelhante à proposta na letra “b”.

Quanto à sugestão 2 de van den Broeck (1981), que é substituir por uma metáfora correspondente, não foi possível aplicar a esta, visto que se trata de uma expressão restrita ao contexto brasileiro.

5. Considerações finais.

Acredita-se que os dois exemplos que serviram de base para esta discussão conseguiram ilustrar como os conceitos metafóricos encontram-se enraizados na cultura dos indivíduos. Em consequência disso, a tradução de metáforas ultrapassa o nível da palavra, pois “o sentido da metáfora não está nem na metáfora nem naquele que a compreende (...) [mas] envolve interação complexa entre aquele que a codifica, a mensagem e aquele que a decodifica, num contexto cultural compartilhado” (SOUZA, 2004 p. 58).

Como o tradutor e o texto a ser traduzido geralmente não pertencem à mesma cultura (visto que a maioria das traduções é feita da língua estrangeira para a língua materna), a tradução de metáforas pode constituir uma dificuldade, mas há quem afirme que a metáfora constitui uma solução de tradução (vide SCHÄFFNER, 2004). Quem defende este argumento diz que, além das sugestões propostas por van den Broeck (1981) na seção 4 deste artigo, é possível ainda que, de uma expressão não metafórica da língua fonte, se traduza por uma metafórica na língua alvo.

E não se pode negar que os estudos cognitivos da metáfora, principalmente a partir de Lakoff e Johnson, permitiram que se lançasse um novo olhar sobre a tradução das mesmas. Em especial para que o tratamento dado a elas leve em consideração a forma como os indivíduos conceituam o mundo com base nas suas próprias vivências.

Como foi visto na seção 3, é em razão da cultura dos brasileiros que se pode entender a expressão metafórica *chá de cadeira* no seu sentido figurado e não no sentido literal, que seria totalmente incoerente. Mas como um tradutor de língua portuguesa que desconheça o contexto de uso de tal expressão a traduziria?

O mesmo vale para o termo *valerioduto*, provavelmente será incompreensível até para brasileiros de gerações futuras. Quanto a sua tradução, a partir das sugestões de van den Broeck (1981), foram possíveis de serem aplicadas ao espanhol porque se trata de um vocábulo relativamente atual, e por isso compreensível; e também porque naquela língua há a palavra *ducto*, que permite a aglutinação a Valério.

6. Referências bibliográficas

CARVALHO, M. B.; SOUZA, A. C. As metáforas e sua relevância no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. In. RODRIGUES, C. (Org.) *Fragmentos*, Florianópolis: Editora da UFSC, n. 24, p. 29-44, jan./jun. 2003.

HOLMES, J. S. *The Name and Nature of Translation Studies*. Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies, 67-80 Amsterdam / Atlanta. GA: Rodopi, 1994.

⁶ Tradução minha.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução do Grupo GEIM. Campinas: Educ, 2002.

_____. *Metáforas de la vida cotidiana*. Tradução de Carmen González Marín. Madri: Catedra, 2004, 1º ed. 1986.

RAMANZINI, H. *Introdução à Lingüística Moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach. *Journal of Pragmatics*. n. 36, p. 1253-1269, 2004. Disponível em www.elsevier.com/locate/pragma Acesso em 12 jun. 2006.

SOUZA, A.C. *Leitura, metáfora e memória de trabalho: três eixos imbricados*. 2004. 231f. Tese (Doutorado em Lingüística) Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

VENUTTI, L. *The translator's invisibility*. London/ New York: Routledge, 1995.

NOVA. São Paulo: Editora Abril, ano 30 nº. 02, fev. 2002.

www.google.com.br Pesquisa pelas expressões: *estar planchando* e *valerioducto*, em junho de 2006.